

Teologia Pastoral e Teologia Prática, além da postura eclesial

Pastoral theology and practical theology, besides the vision eclesial

*Alzirinha Rocha de Souza**

Resumo: As questões suscitadas entre a TPas (Teologia Pastoral) e TPr (Teologia Prática) não são recentes e nem poucas no contexto latino-americano. De fato, o modelo de TPr como concebido no norte da Europa, ainda é recente em América Latina, que prima por denominar os trabalhos ligados à prática unicamente como TPas.

Visando ampliar e trazer a luz os elementos de aproximação e divergências entre as duas linhas é que propomos a leitura desse artigo. Como afirmaremos ao longo do texto, não se trata de demonstrar a excelência de uma sobre a outra, antes de recuperar o sentido de teologias que complementando-se em suas especificidades, cumprem efetivamente o papel de “traduzir” o Mistério aproximando-o de seu destinatário.

Palavras-chave: Teologia Prática; Teologia Pastoral; História; Prática; Ciências Humanas

* Teóloga formada pela PUCSP, Mestre em Teologia pela Universidad San Dámaso, Madrid. Dra em Teologia pela Université Catholique de Louvain Bélgica. Professora do Programa de Pós Graduação e Teologia da Universidade Católica de Pernambuco UNICAP. E-mail: alzirinharsouza@gmail.com.

Abstract: The issues raised between the Pastoral and the Practical Theologies are not new and not a few in the Latin American context. In fact, the pattern of the Practical Theology, as it is conceived in northern Europe. It is still new in Latin America, which strives to call the work related to practice solely as Pastoral Theology.

Aiming to expand and bring to light the elements of approaches and differences between these two lines, we propose the reading of this article. As we will state along the text, it is just about demonstrating the excellence of one over the other, but about regaining their sense of theologies that, being complementary, they effectively play the role of "translating" the Mystery, bringing it closer to its addressee.

Keywords: Practical theology; Pastoral Theology; History; Practice; Humanities

1. Introdução

As questões em torno à Teologia Prática e Teologia Pastoral não são recentes. Aparentemente idênticas essas duas linhas de teologia, não raramente se apresentam mescladas em textos e argumentações teológicas. Certo é, que na Europa do norte (França e os demais países de língua francesa, Alemanha, Bélgica, Países Baixos) a identificação das diferenças entre as duas está estabelecida, notadamente a partir dos anos 50, mas que como veremos ao longo do texto inicia-se no Século XVII.

Paradoxalmente, da quase simbiose entre ambas, nasce o “desdobramento” da segunda pela primeira. Marcadas por um ponto comum, a centralidade da prática/ação em seu fazer teológico, se distanciam pelas diferentes formas com que a trabalham: a TPas¹ marcada por ser uma perspectiva *ad-intra* e a TPr por uma perspectiva *ad-extra*. Se a primeira prima pela prática da Igreja no mundo, sua organização, métodos, contextos essa não deixa de tocar a essência da segunda que é a consideração das práticas no mundo além das práticas da própria Igreja.

¹ Utilizaremos as Siglas TPas para Teologia Pastoral e TPr para Teologia Prática.

Segundo Joel Molinário, a TPr pode ser definida como: “*uma teologia fundamental que toma em consideração a realidade*”². Nesse sentido ela se abre e privilegia a responder às demandas de pessoas concretas que se encontram na realidade do mundo independentemente de estarem no dinamismo eclesial.

Contudo, em uma e outra perspectiva, seja TPas ou TPr, o cristianismo apresenta duas considerações que são incontestáveis. A primeira é que o Cristianismo é um fato e a segunda é que a esse fato que pessoas aderem e fazem uma experiência concreta, através de alguma coisa que é apreendida pelo nome de Deus e que se refere a Jesus.

Em consequência, de um lado, ao ser uma realidade histórica e sócio-cultural existem razões para uma aproximação através das ciências humanas, de outro ao ser um vínculo pessoal existem razões para realizar uma aproximação hermenêutica. A historicidade e a existencialidade que comportam a fé cristã nos permite realizar essas duas condições. Ao teólogo não cabe ser negligente com uma ou outra parte, mas considerá-las em igualdade, colocando-as em relação dentro da operação que se chama “fazer teologia”. Contudo esse tipo de teologia exigirá realizar-se a si mesma como uma prática ligadas às condições reais e presentes da fé, que não partem dos discursos e livros. A teologia se coloca em sentido inverso: ela busca prioritariamente as investigações históricas de forma que sua elaboração suscite uma re-articulação da operação mesma de fé nos lugares e modos como se apresenta na história. Segundo Doré, é uma nova corrente de teologia que depois de assegurar as bases existenciais concretas e a vida eclesial, buscará ainda as verificações, sem ser menos crítica, menos especulativa, menos sistemática que outras formas de teologia³.

² MOLINARIO, J. *Les concepts d'expérience et de doctrine dans la réflexion sur la transmission de la foi* (Conferência proferida em 18 outubro de 2013 à Louvain-la-Neuve, na Jornada da Escola Doutoral), texto não publicado.

³ DORE, Joseph. *Les courants de la théologie française*, p.250..

Nesse sentido, esse artigo tem por objetivo apresentar a reflexão sobre as divergências e convergências dessas duas linhas teológicas. Para tanto o estruturamos em três partes. A primeira trata-se percurso histórico de constituição da TPr demonstrando sobretudo a consideração da prática no fazer teológico ao longo da história do cristianismo; a segunda apresenta a definitiva separação entre ambas nos anos 50 reforçada solidificada pelo câmbio epistemológico proposto e instituído após o Concílio Vaticano II, e finalmente a reflexão sobre quatro questões que consideramos específicas no fazer da TPr.

2. A prática na história e a história da prática

A prática sempre foi chave de pensamento para a Teologia. Sua reflexão mesma nasce de uma prática recíproca: de Deus que se revela e do ser humano que percebe sua revelação na história e partir desta estabelece nova forma de prática com Deus e entre os seus semelhantes.

Ora, ao longo do tempo e mais recentemente no Séc XX, pensadores, teólogos e filósofos aperfeiçoaram sua análise, desde a análise marcante de Maurice Blondel em sua emblemática obra *L'action* (1893) até mais recentemente em Gabriel Marcel e seu seguidor Paul Ricoeur, o estudo da ação humana e seus efeitos sobre a constituição mesmo do Sujeito. Somos porque agimos, e por nossa ação revelamos quem somos, ou dizem as análises mais recentes quem gostaríamos de ser.

Nem mesmo as novas formas de ação humana inauguradas pelas novas tecnologias conseguiram, e arrisco a dizer, conseguirão substituir a expressão humana pela ação, pela necessidade de contato com seus semelhantes. Seguramente hoje temos novas formas de relacionarmos e estabelecer contatos, que segundo algumas opiniões tornaram as relações humanas superficiais, ao passo que outros dizem que estas nos levam mais facilmente a não veracidade das ações e relações. Eu apenas prefiro afirmar que por enquanto o temos é uma nova forma de relacionamento que pode ainda guardar o que subsiste das formas

anteriores e mais próxima de relação e, que jamais aniquilará o essencial do humano. Talvez tenhamos que estarmos abertos à flexibilização e ampliação dos conceitos de alteridade, amizade, relacionamento interpessoal antes de afirmações mais bruscas negativas. O fato é que a ação/prática nos caracterizará sempre e marcará sempre as diferentes épocas e culturas em que são realizadas.

O começo do Cristianismo

O mesmo vale para o sentido da ação/prática no universo teológico. A perspectiva prática na constituição de seu pensamento não é algo recente. Desde as primeiras comunidades cristãs pode-se afirmar a vertente da prática e sua importância na vida em comum das primeiras comunidades⁴. Essa perspectiva é expressada na parábola do Bom Pastor (João) e se traduz em “serviço pastoral”, está ligada as ações de ensinar, batizar e guiar⁵. Mais tarde no processo de estruturação das primeiras comunidades a Palavra (Logos) é subordinada ao serviço (diaconia) revelado, sobretudo pela Teologia Paulinas que destaca a importância posta pelos primeiros cristãos aos gestos de caridade para com as viúvas e os órfãos. Segundo Viau: “*Já existia ali uma das primeiras manifestações concretas da atividade pastoral e sem dúvida também uma das mais significativas*”⁶.

O sentido de prática e teoria é desenvolvido a partir da estruturação e expansão da Igreja, notadamente quando inicia-se o contato com outras culturas em especial Oriente Médio e Europa, ao mesmo tempo em que vai sendo formulada a Doutrina e Dogmas no período do Séculos I e III. No início há um equilíbrio ente a teoria (a perspectiva teológica que se constitui pela referência

⁴ VIAU, Marcel. Introduction aux études pastorales, p.13 . Esta ideia aparece também em : MARLE, René, Le projet de Théologie pratique, p.24.

⁵ CORBIN, Michel. *Garder la Parole de Dieu, essai sur Luc 11,28* In: AUDINET, J. ; BELLET, B. e CHENU M.D. (ed), *Le déplacement de la Théologie* (Le point Théologique 21) Paris, Beauchesne, 1977, p.109-118.

⁶ VIAU, Marcel. Introduction aux études pastorales, p.13.

dos escritos apologéticos e a prática, ainda que essa se mantivesse somente no tema da formação dos ordenados ao sacerdócio.

Os Padres da Igreja respondem as heresias de suas épocas com argumentações teóricas necessariamente ligadas à prática e ao cuidado com a ação e a formação dos padres. Inácio de Antioquia (Séc II) chama atenção de Policarpo sobre a necessidade de manter-se vigilante com as heresias e de fazer a caridade como princípio de unidade. Cipriano (Séc III) elabora as normas de condução para o clero; Ambrósio (Séc IV) descreve as características para um clero responsável ao passo que Jerônimo (Séc V) faz comentários sobre a vida dos ordenados.

As características que marcam esses autores e que lhes diferencia é que eles além de pensadores são pastores. O equilíbrio entre teoria e prática vem de estar inserido no plano pastoral. A primeira obra considerada pastoral é de João Crisóstomo, com o título de *De Sacerdotio*, descreve a missão de um padre e oferece dados sobre a pregação e maneiras de comportar-se com os pagãos. Gregório o Grande (Séc VII) o segue com sua obra *Regulae Pastoralis Vitae*, onde define programa completo para se chegar a ser um bom pastor⁷.

Contudo, os acontecimentos históricos forçam a mudança do grau de importância entre teoria e prática. O desenvolvimento do pensamento teológico influenciado pelo contato com as filosofias diversas e pela relação estrita entre fé e inteligência humana, a conversão de Constantino, o estabelecimento do Cristianismo com religião oficial, as reflexões conciliares que se seguiram foram o cimento para o desequilíbrio entre as duas vertentes.

A Idade Média – A pastoral x a universidade

O quadro de mudança se consolida na Idade Média com a “decadência” da importância da Pastoral ligada diretamente ao nascimento do pensamento teológico nas universidades. Nesse momento, a teologia vai conhecer sua “idade

⁷ *Ibidem*, p.14-15.

de ouro” à medida que tem reconhecimento universal de seu conceito e estatuto. Com o evento da Escolástica a Teologia por consequência se distancia do lugar pastoral.

Em princípio pensada e ensinada em mosteiros, ela consiste antes em recolher a herança recebida. É o período do fazer teológico através das citações à maneira dos oráculos onde o pensamento se organiza em torno de um conceito central significativo da “*auctoritas*”⁸. As novas circunstâncias e a centralidade do pensamento dentro das Universidades cria paradoxalmente a ignorância do clero e por consequência do povo cristão, que vê sua fé ameaçada por superstições.

A diferença se estabelece no parâmetro: a teologia é uma ciência especulativa tendo seu eixo na nobreza das obras divinas, ao passo que a pastoral se limite a compreensão da ética reforçada pelo pensamento tomaziano: “*A teologia se faz então em detrimento da pastoral*”⁹.

O distanciamento da Teologia se dá também em relação a outras áreas do saber. Durante o Séc XIII há um apogeu estético, arquitetônico e social ao passo que o desenvolvimento do pensamento teológico se encontra em marasmo que vai ser salvo por Tomás que realiza a recepção da filosofia aristotélica incluindo definitivamente a filosofia no campo teológico. Tomás consagra seu pensamento ao conhecimento de Deus da revelação e sua obra de salvação da humanidade buscando ao mesmo tempo o caráter de ciência, satisfazendo plenamente as exigências da razão e seu caráter racional.

A contraposição ao pensamento de Tomás nasce em Séc XIV, a partir da laicização da sociedade. A filosofia se desloca a uma posição exclusivamente crítica e a teologia se encontra estritamente dependente dos dados positivos da Revelação e da interpretação eclesiástica, dentro de uma perspectiva fidelista e

⁸ BERCEVILLE, G. *Entre logique et mystique. La théologie universitaire*, In : Jean Yves LACOSTE (dir.), *Histoire de la Theologie*, Paris, Éditions du Seuil, 2009, p. 237-238.

⁹ VIAU, M. *Introduction aux études pastorales*, p.15.

jurídica da fé. Se impõem a ideia única acerca de Deus, a única verdade que se pode anunciar é sua inacessibilidade e infinidade. O Nominalismo dá continuidade à radicalização entre o domínio da fé e razão. A fé se associa a Deus todo-poderoso e a razão trabalha em categorias de operação. Ao final, a Teologia dos Séculos XV e XVI quando se vê fiel a Escola, se abstrai da realidade e da cultura que está nascendo, assim como da vida espiritual dos crentes que seguem alimentando-se de imaginação e sentimentos¹⁰.

O acento a TPa se retomará de forma definitiva no evento do Concílio de Trento. A necessidade de responder a reforma protestante de Lutero permite um novo impulso a pastoral. Pierre-André Liégé afirma que a expressão teologia pastoral é contemporânea ao Concílio de Trento¹¹ quando das modificações implantadas nesse momento.

Indo para Idade Moderna

A evidência da razão e a possibilidade da liberdade de pensamento fora do campo religioso que marcam a idade moderna notadamente no Séc XVIII alteram mais uma vez o fazer teológico. O nascimento do Humanismo representado por pensadores como Erasmo de Roterdam, Machiavel, Thomas More e Cardinal Cisneros, é cada vez mais compreendido como uma teoria onde o homem é agente racional e pode exercer o papel de promover-se a si mesmo.

Frente à filosofia dessa época o teólogo tende a desaparecer. Estes se veem obrigados ou a deslocar-se às Universidades Protestantes, de países anglo-saxões e germano fônicos ou a transformarem-se eles mesmo em “homens das Luzes”, fazendo de seus pensamentos resposta de comprovação à razão.

¹⁰ MARLE, R. *Le projet de Théologie pratique*, p.36.

¹¹ LIEGE, Pierre-André. *Le projet de théologie pratique*, In : F. X. ARNOLD, *Serviteurs de la foi*, Tournai, Desclée, 1957, p. 23.

No mundo católico a teologia encontra-se sem relação com a filosofia. Pensadores das Universidades Católicas dedicam-se a preservar-se dos perigos que a racionalidade pode trazer à fé, motivo pelo qual protegem o espaço da mística, da piedade e da ortodoxia da fé.

Vale lembrar que esse movimento de “proteção de si mesmo” também passa pelo protestantismo, notadamente como o movimento Pietista do luterano J. Spencer e sua obra *Pia Desideria* de 1675 e a publicação de *Teología del Corazón* de P. Poiret (1719).

Ao movimento pietista a filosofia das Luzes fará oposição e colocará em contraposição a perspectiva natural e sobrenatural. Põem entre parênteses o conceito de sobrenatural em favor do natural que traz implicitamente o conceito de razão¹². O discurso científico do Século das Luzes se impõe sobre o pensamento teológico e sobre seu conteúdo. A metodologia científica é necessariamente uma metodologia natural, por consequência o pensamento de época se centra entre os que creem e os que creem no poder da razão.

Do Século XIX ao XX

O Século XIX nasce sobre a influência de Emmanuel Kant com sua contestação a determinação da “religião dentro do limite da simples razão”. Para fazer frente a Kant, o pastor alemão F.D. Schleiermacher (1768-1834) publica em 1799 a obra “*Discurso sobre religião, àqueles contemporâneos que são de espírito culto*” conhecida como *Discurso*. Nela propõem a religião como a do coração e da experiência, dirigida aos homens cultos das Luzes, dando-lhes a possibilidade de usar a razão onde se trata de religião. Em 1830 publica “*A fé cristã*” onde expõem sua forma sistemática de fé para um público de estudantes e profissionais, demonstrando a aplicação rígida do conceito forjado de um sentimento a partir da relação homem x Deus, nascendo aí a “racionalidade do sentimento”.

¹² LACOSTE, Jean Yves, *XVI – XVIII Siècle*, p. 351-353.

Concomitantemente é o período do desenvolvimento do pensamento de Hegel, Schelling e Kierkegaard e da forte influência da racionalidade filosófica¹³, mostrando ser capaz de abrir um espaço para a fé e à racionalidade teológica, nascendo um novo entendimento entre a Teologia e Filosofia, e a renovação teológica a partir dessa compreensão aparece presente graças a Schleiermacher que reabilita o cognitivo do afeto em matéria de teologia. A renovação da teologia que inicia se solidifica no encontro com Fichte em 1808 após as guerras napoleônicas, quando ambos trabalham na construção de uma nova universidade com novo conteúdo programático para as ciências teológicas¹⁴.

Schleiermacher jamais falou de TPas, senão que utilizou o conceito de TPr¹⁵ em sua obra intitulada “*Breve apresentação do curso de estudos teológicos*”, onde ao final apresenta de maneira sistemática as estruturas da teologia prática. A teologia deveria elevar-se ao mesmo nível sistemático das ciências que nasciam naquele contexto, como ciência que tem direito a lugar na Universidade porque tem capacidade de apresentar positivamente o cristianismo de maneira coerente¹⁶.

Ao final Schleiermacher compara a teologia a uma árvore cuja raiz é a *teologia filosófica* que compreende o aspecto crítico que diz respeito à natureza mesmo do cristianismo e da relação deste com as diferentes culturas; o tronco a *teologia histórica* que compreende a Exegeses, História da Igreja e Dogmática e que busca destacar a situação concreta da Igreja em seu futuro histórico, e por fim a cabeça que é a *Teologia Prática*, que é considerada pelo autor a “coroa da Teologia”, uma vez que através dela se vê que os frutos de sua produção se tornam visíveis. Pese o caráter de centralidade eclesiológica de seu pensamento, ele tem o mérito de ter superado o aspecto técnico e funcional da TPas, para conceder à

¹³ *Ibidem*, p. 354-353.

¹⁴ MARLE, R. *Le projet de Théologie pratique*, p. 53.

¹⁵ Contudo é necessário ressaltar que Viau destaca em *Introduction aux études pastorales*, p. 17 : «L'expression théologie pratique n'est pas de Schleiermacher, elle viendrait plutôt de Gilbert Voetius, un théologien hollandais du dix-septième siècle ». Viau, citando a Klaus PENZEL, *Somme thoughts on Schleiermacher and practical theology today*, dans *Perkins Journal* 35, (1982), p. 2

¹⁶ MARLE, R. *Le projet de Théologie pratique*, p.56.

TPr um status científico que lhe confere independência e relação estrita com a práxis¹⁷.

Contudo somente em 1778, o abade beneditino S. Raustenstrauch de Viena busca revalorizar a prática na formação do clero. Ao assumir a Comissão de reformas de Estudos de Viena, estabelece um programa de estudos puramente pragmático e quase nada teológico. A partir daí redefine o conjunto teológico a fim de conceder uma orientação decididamente pastoral com embasamento teológico adequado para fazer frente aos graves problemas de seu tempo nitidamente problemas intelectuais do clero.

Recupera a importância do conhecimento e da qualidade da atuação dos padres, através do conhecimento teológico e não somente da prática desconectada da teologia. Registra uma preocupação própria para enfrentar as novas realidades, e colocar fim a ideia de que os mais descapitados eram os que deveriam estar à frente da ação pastoral da Igreja. Prima pela metodologia e pedagogia com alternância nos trabalhos práticos.

No mundo católico, na mesma época nasce na Escola de Tubinga um novo impulso a revonação do compreender pastoral, com autores como A.Graf que tentou desenvolver uma nova concepção pastoral, publicando em 1841 o manifesto com o título de “*Apresentação crítica da situação contemporânea da Teologia Prática*”¹⁸.

A primeira metade do Século XX

Esse período é marcado por dois movimentos, o primeiro da aproximação da TPr das ciências humanas e o segundo pelo distanciamento da pesquisa teológica propriamente dita, revelando o que Marlé chamará de “*desmoronamento doutrinal*”. Sua consequência imediata é a ideia de separação

¹⁷ KAEMPF, B. *Réception et évolution de la Théologie Pratique*, p. 10

¹⁸ MARLE, R., *Le projet de Théologie pratique*, p.75

entre doutrina e prática, notadamente na contraposição entre a necessidade da doutrina e a existência da TPr como teologia. Esse fato é atribuído em primeiro lugar ao contexto de reação do protestantismo europeu e francófono principalmente pela influência da teologia de Karl Barth que toma posição contra a teologia liberal de Schleiermacher e Alexandre Vinet em França. Barth põe Deus no centro de sua teologia e insiste sobre a Palavra que vem do totalmente outro. Essa torna-se a última referência para a Igreja, que não deve se comprometer com o mundo¹⁹.

Para finalizar esse período histórico de constituição da TPr, Marcel Viau²⁰ destaca que apesar dos esforços a influência e o tema de preocupação pela TPr não foi tratado pela maioria dos membros da Igreja. É necessário esperar até a década de 1940, para que Joseph Andreas Jungmann (1975) através do que denominou teologia Kerigmática²¹ tente estabelecer outra forma de prática. Essa proposta validada pela Escola de Innsbruck trata de voltar a Teologia acessível aos não especialistas e também que ela possa alimentar a vida espiritual das pessoas. Segundo Viau, Jungmann preparou o terreno para verdadeiro renascimento do domínio da pastoral que terá como ponto culminante o Concílio Vaticano II.

3. A solidificação da TPr : antecedentes e consequências

Antecedente: contexto histórico

Antes mesmo do Vaticano II, nasce no contexto francês a preocupação por uma mudança em relação a pastoral, influenciadas notadamente pelas novas correntes teológicas tais como a *Nouvelle Théologie* que contrapunha os debates teológicos entre os Jesuítas de Lyon-Fouvière e dos Dominicanos da La Saulchoir, que contava com teólogos como Yves Congar, M.D.Chenu e Henri De Lubac entre

¹⁹ KAEMPF, B. *Réception et évolution de la théologie pratique*, p. 11-12.

²⁰ COMBLIN, J. *Vers une théologie de l'action*, Bruxelles, p. 32.

²¹ VIAU, M. *Introduction aux études pastorales*, p. 17.

outros. Essas mudanças vieram na esteira das mudanças da realidade no continente europeu. Nesse momento Europa vinha de uma guerra que a transformara social e politicamente, mudanças de valores e ideologias. As instituições religiosas foram igualmente tocadas por essas mudanças e para a Igreja católica não seria diferente: o Concílio Vaticano II é o evento que confirma essa demanda e que se propõem fazer frente à atualização da Igreja na História (*aggiornamento*)²².

As duas linhas teológicas que permeiam o Concílio são marcadamente distintas e ligadas a *Nouvelle Théologie*. Instala-se duas correntes, a Tomista de M.D.Chenu, Louis Lebreton, Gustave Thils entre outros e a Patrística de Jean Danielou, Henri de Lubac, entre outros, aliado a participação da ala progressista da Igreja Francesa e Belga no período de João XXIII que inclusive reabilita os antes notificados por Pio XII.

Entre as Escolas de Teologia Prática que finalmente marcaram o Concílio a partir das correntes patrística e tomista, podemos destacar as três que dominaram o pensamento nessa época: a Alemã, a Francesa e a Norte Americana.

A *Escola Alemã* bastante atuante mesmo antes do Concílio, publica “*Handbuch der Pastoraltheologie*” (Manual de Teologia Pastoral) publicado por Karl Rahner, F-X Arnold, Schurr y Webber em 1962, com mudanças importantes para a TPr que pode ser marcada por três pontos: 1) o sujeito principal é a Igreja, 2) a TPr não se articula a partir de conceitos senão que a partir da situação real da Igreja e do mundo e 3) a TPr constitui uma disciplina rigorosamente autônoma²³. Futuramente a Escola Alemã foi marcada pela TPr Empirista notadamente representada por Johannes Van der Ven.

A *Escola Americana* marcada por ser minoria católica entre Igrejas protestantes de diversas denominações, bem como pela *Pastoral Care* desenvolvida, sobretudo por Sewad Hiltner, autor que dominou a reflexão e os

²² FOUILLOUX., E. *Essai sur le devenir du catholicisme en France et en Europe occidentale de Pie XII à Benoît XVI*, In : *Revue Théologique de Louvain* 42 (2011), p. 521-557.

²³ VIAU, M. *Introduction aux études pastorales* (Collection Pastoral et vie 7), Montreal, Paulinas, 1987, p. 21-23.

debates nos anos 50 e 60. E finalmente a *Escola Francesa*, que Marcel Lefevre define por dois pontos fundamentais: 1) a TPr é ciência da ação que deve ser apoiar na prática e da análise da realidade e 2) ela é diretamente ligada à interdisciplinaridade como eixo central²⁴ sobre a qual nos deteremos para aprofundar os aspectos epistemológicos da TPr.

A diferença entre elas, e isso vale para cada uma das linhas que foram se constituindo ao longo da história se dá por dois referenciais base: o contexto onde nasceram e a forma com que trabalham a centralidade da prática em sua epistemologia e metodologia.

A denominada, por Marcel Viau²⁵ Escola Francesa de TPr, passa por duas fases distintas de constituição. A primeira que compreende a TPr como havia pensado Schleiermacher mantendo a centralidade na conservação e na perfeição da Igreja. O desenvolvimento do pensamento de A.Graf em Tubinga, da Escola de Innsbruck no pós-guerra influenciam essa primeira perspectiva de forma a impulsionar a transformação para um segundo momento caracterizado pelo distanciamento da centralidade eclesial.

Esse processo foi constituído a partir de 3 etapas de constituição conforme Gilbert Adler²⁶. A primeira trata da “nova” tradição de Teologia Pastoral dentro do mundo francófono marcada pela obra de Pierre-André Liègè que a partir de 1955 inicia a publicação de artigos em França que suscitam discussões sobre uma teologia dogmática estrita (a corrente de Danièlou) e uma teologia pastoral autônima. Afirmava Liègè: “a Teologia pastoral recebe seus princípios da dogmática, e sua tarefa é verificar a qualidade desses princípios”²⁷. De fato Liègè foi um dos primeiros a pensar a Teologia Pastoral com um caráter de disciplina racional em França. Destaca que a Teologia Pastoral pode ser

²⁴ *Ibidem*, p. 28-31.

²⁵ *Ibidem*, p. 22.

²⁶ ADLER, G. *La théologie pastorale dans la théologie catholique de l'après-guerre à Vatican II*, In : ROUTHIER G. e VIAU M. (org.), *Précis de Théologie pratique*, Bruxelles, Novalis-Lumen Vitae, 2004, p. 279.

²⁷ VIAU, M., p.19, citando à LIEGE Pierre-André, *Introduction*, In : ARNOLD F-X, *Serviteurs de la foi*, Tournai, Desclée de Brouwer, 1957, p. 21.

definida como “a reflexão sistemática sobre o conjunto do mistério da Igreja em ato vivido dentro dos tempos e de sua crença”²⁸. Através da reflexão sobre os avanços possíveis em Teologia Pastoral Liège abre as portas para a TPr em seu contexto.

Acompanhando Liège em busca de mudanças podemos citar também: André Brien, que utiliza a Antropologia como base para pensar uma pastoral fundamental conhecida como “ciência da práxis cristã”, guardando autonomia frente as outras investigações teológicas. Jean Mourox, cujo trabalho “*O sentido cristão do homem*” influencia autores como Hans-Urs Balthasar e Henri Bourgeois, e Charles Wackenheim que publicará em 1947 “*Cristãos sem ideologia*” onde destaca o valor prático de toda teologia e propõem uma teologia concreta (teologia da práxis).

A segunda fase faz referências aos anos 60/70 marcados pela utilização das ciências humanas, particularmente a sociologia e psicologia, que oferecem uma maneira não dogmática de conhecer, descrever e dar significação a prática eclesial. Aqui podemos citar a clássica introdução da psicopedagogia nos trabalhos de catequese de J. Colomb e G. Defois.

A terceira fase se refere ao deslocamento definitivo de uma concepção pastoral à prática. O objeto da TPr, sem negligência das perspectivas clássicas de análise das atividades pastorais da Igreja, vai cada vez mais ao sentido crítico, hermenêutico e em prospectivas das práticas pelas quais o ser humano se realiza dentro da cultura em sociedades contemporâneas²⁹.

Posteriormente Audinet³⁰ analisando elementos históricos e metodológicos, identifica diferentes 3 grupos fundamentais de TPr. Oferecemos

²⁸ LIEGE, Pierre-André, *Pour une théologie pastorale catéchétique*, p. 5.

²⁹ ADLER, G. *La théologie pastorale dans la théologie catholique de l'après-guerre à Vatican II*, p. 280.

³⁰ AUDINET, J. *Diversité des théologies pratiques*, p. 239-258. Esse artigo de Audinet é bastante amplo sobre as diferentes TPr e os autores que as constituem.

aqui os principais elementos de cada um e fazemos relações com os contextos onde foram mais marcantes, descartando a ideia de exclusividade.

A primeira é a *TPr Empírica*, é exclusivamente anglo-saxônica. Seus autores são do Norte da Europa (Alemães, Holandeses e Norte-americanos). A prática aqui é considerada “derivada ou guiada pela experiência”, que tem o significado de experimentação ou aquisição pessoal, cuja aproximação é baseada sobre pesquisas e metodologia empírica, principalmente da sociologia e dos métodos da educação, destacando sua atenção ao real, social ou religioso buscando os melhores instrumentos de pesquisa para sua realização. Por isso se permite recusar a simples intuição ou “bom senso” pastoral, bem como a ideia de uma teologia aplicada que possa determinar a prática de grupos e indivíduos.

A *TPr Crítica ou Profética*, é a segunda forma apresentada por Audinet. Essa é marcada pela crítica institucional, no sentido de discernimento, reflexão, avaliação. Institucional neste caso, significa o conjunto de formas pelas quais os grupos se manifestam, valendo inclusive para a Instituição Eclesial³¹. Tratando-se de articular práticas coletivas e analisá-las em conjunto com a Tradição, a decorrência natural, é o questionamento da própria Tradição, constituída ela mesmo por práticas, experiências, linguagens a cada época histórica.

Sua pergunta central não é mais “o que fazer?”, mas “como funcionam os sistemas e como podemos reinterpretá-los a partir da Tradição?” O desafio é colocar em relação o contexto atual e a situação contemporânea buscando manifestar o elemento cristão comum entre ambos. Para tanto há uma exploração efetiva de questões de linguagem, de antropologia, de comunicação, de sistemas políticos e econômicos, entre outros. Encontram-se nessa linha as teologias do mundo, das realidades terrestres, da libertação, da negritude e todas as categorias possíveis que convergem em temas recorrentes da experiência humana lidas de forma crítica³².

³¹ Essa é umas das características da Teologia de Jose Comblin entre outros que se dedicaram a refletir sobre a Igreja Católica.

³² GEFRE, C. *Une nouvel âge de la théologie* (Collection Cogitatio fidei 68), Paris, Cerf, 1972. Nessa obra Grefré trabalha de maneira bastante aprofundada os temas possíveis da TPr Crítica.

Nesse contexto a prática não será designada pelo empirismo da ação, mas pela operação pela qual é analisada, teorizada, formulada e elaborada por critérios próprios. A tarefa teológica é fazer a aproximação entre as ciências contemporâneas e o homem e a sociedade, de forma que a primeira possa contribuir em elucidar os sistemas estabelecidos dos segundos. Segundo Audinet, sua riqueza está na constante atualização da análise dos contextos e das possibilidades de aberturas a outros campos que ela permite.

Por último, encontra-se a *TPr Fundamental*. Essa se interroga sobre “a razão de ser da prática cristã”, e “o que significa o cristianismo enquanto prática?”. O que entendem e motivam hoje os cristãos á prática? Derivando na questão maior “o quê hoje fundamenta o estar juntos cristão?”, buscando a compreensão fundamental das práticas que vem de conjunto de cristãos que ao mesmo tempo dá sentido ao fato de ser cristão.

De fato, nem a eficácia empírica, bem a fecundidade crítica não são suficientes para se justificar por elas mesmas. É necessário sempre buscar o porquê da ação cristã, que vai além de questões de problemas epistemológicos. A concepção da prática aqui é daquela que está no ato mesmo que faz nascer o cristianismo, que o faz existir nas sociedades humanas e por isso não pode estar desconectado da história mesma.

As questões da Teologia Fundamental, a partir da abordagem da prática, é nas Universidades do Canadá (Universidade de Laval por Marcel Viau e Jean-Guy Nadeau da Universidade de Montreal que defenderá a “*praxiologia pastoral*” que se vê como ciência da ação Pastoral).

4. Questões específicas da TPr

Oferecemos inicialmente uma visão geral histórica e de organização das TPr's em diversos continentes. De fato, a forma de articulação do binômio

ciências x teologia, aliado a centralidade que se dá efetivamente à prática nesse binômio define o que chamamos de linha de TPr. Além de diferentes formas de consideração de prática no fazer teológico, a TPr apresenta especificidades comuns a todas as classificações. Aqui destacamos quatro julgamos essenciais.

A *primeira* grande especificidade da TPr é de não ser outra coisa que Teologia. As questões práticas que demandam à teologia uma resposta esperam e devem ter respostas da teologia. Essa é uma discussão que vem desde os tempos do Concílio, e descrita por M. D. Chenu da seguinte forma: “Quanto aos cristãos que querem fazer teologia, é suficiente que eles compreendam profundamente que a teologia dentro de seus recursos racionais, dentro de seus argumentos, dentro de suas conveniências, dentro de seus símbolos não teria nenhum sentido religioso, nem nenhuma consistência epistemológica, fora da luz da fé”³³.

Contudo, não era a principal preocupação do Pe. Chenu encontrar uma epistemologia adequada para a tarefa de relacionar essas duas áreas do saber, em essa época referindo-se especificamente à Sociologia. Como vimos nos dados históricos, o estabelecimento efetivo entre ciências x teologia se dá nos 60/70. Sua questão era que a teologia pudesse encontrar em si mesma sua compreensão e o teólogo sua postura frente a seu trabalho, e que o mistério da fé não fosse reduzido, de tal forma que os métodos de outras ciências pudessem colocar condições próprias à sua compreensão e transcendência.

A busca do equilíbrio entre ciências e teologia é uma das chaves do Teólogo prático, e os elementos de sua escolha de trabalho devem ter densidade própria e autonomia metodológica. A teologia não pode ser explicada pelas razões das Ciências e sim pelas razões próprias da Teologia, aliás, esse vínculo somente é possível pela própria exigência da fé e o fato da última é em sua própria estrutura ser pneumatológica e histórica. Sua adesão a ela, se dá pelas verdades interiores e

³³ CHENU, M.D., *Tradition et Sociologie de la foi*. p. 229.

exteriores que compõem o humano em seu contexto e a relação que esse estabelece com Deus.

Igualmente não se trata de aplicar dados de uma religião sobre uma prática ou da aplicação das ciências sobre uma prática religiosa. Mas a partir da adesão que se tem em uma religião e suas definições de fé, fornecer elementos novos às diversas questões existenciais do humano. O Teólogo prático é eminentemente um teólogo e atua como tal e ainda que utilize as ciências para a aproximação correta da realidade, sua leitura é teológica e como tal exige sua pertença a Teologia que exerce.

Nesse sentido e dada a diversidade de saberes com os quais a Teologia pode relacionar-se, Van der Ven³⁴, propõem quatro modelos epistemológicos para a relação entre TPr e as Ciências. O primeiro o modelo *Mono-disciplinar* que se centra a aplicação da teoria à prática sem nenhuma análise científica prévia. Esse é o modelo pensado nos princípios da TPr por Rautenstrauch (Viena) e Schleiermacher (Alemania). Ambos têm o mérito do reconhecimento da prática como ciência teológica. O segundo modelo é o *Multi-disciplinar*, que trata-se de diferentes disciplinas pensadas de maneira independente e separadamente o mesmo objeto, onde a teologia utiliza os resultados das ciências para emitir um parecer teológico. O terceiro modelo é o *Interdisciplinar* que toca a interação e reciprocidade entre teologia e ciência de modo que ao final possa ser emitido um parecer conjunto. Finalmente o quarto modelo é o Interdisciplinar, que trata da apropriação e integração por parte da Teologia dos conceitos, técnicas e métodos de outras ciências.

Fortemente marcada por elementos comuns à TPAs, a TPr guarda características próprias, seja metodológica, seja em desenvolvimento. Daí decorre sua segunda especificidade, é a afirmação de que a TPr inclui também a TPAs (a ação da Igreja no mundo). Seu campo de atuação é mais abrangente à medida que

³⁴ VAN DER VEN, J., *Practical Theology: an empirical approach*, Leuven, Peeters Press, 1998, (3 Edition), p. 89-112.

considera toda prática humana. De outra forma podemos afirmar que a TPr não se detém no campo da organização da denominação religiosa ou nas disciplinas que definem o agir da Igreja no mundo, ainda que com elas se relacione mas em toda e qualquer demanda que toque a existência humana e suscitam à Teologia.

Trata-se de oferecer uma nova inteligibilidade às diferentes práticas, para que sejam compreendidas com o auxílio das ciências e re-realizadas através de novo olhar teológico. Por essa razão todo teólogo prático deve ser um profundo conhecedor da Teologia que representa e de suas áreas de estudo. Dito isso, faço minhas as palavras de Henri Bourgeois: “ *A TPr é a teologia das práticas*”³⁵.

Nos dias atuais, o Papado de Francisco vem demonstrando as inúmeras questões práticas que esperam uma posição da Teologia. Mais ampla que a posição eclesial frente ao mundo, a TPr coloca igualmente a Igreja em ato na realidade a partir das perspectivas daqueles que também não estão nela inseridos, seja porque nunca o foram, seja porque agora vendo novos ares despertaram interesse em voltar.

De fato, o impulso renovador dado por Francisco, à proporção que as questões mais delicadas vêm tomando espaço. Além da constatação de que estas não estavam na ordem do dia, constatou-se também pelos debates acalorados que geraram interna e externamente que a teologia em contexto católico não entrava mais nos centros das discussões. Não raro, a maioria dessas questões foram há tempos refletidas e outras áreas das Ciências já lhes dão por resolvidas.

O movimento de deslocamento da teologia até o choque da crítica mais densa da linguagem religiosa e da pressão das ciências humanas em seu espaço marca a terceira especificidade da TPr. O desafio encontra-se em não repetir por completo o período pós conciliar de desconstrução do fazer teológico. Nos quinze anos que se seguiram ao Concílio, a teologia atual encontra-se marcada por sua desconstrução do sistema de pensamento que demonstra uma certa desarticulação

³⁵ BOURGEOIS, H., *Questions fondamentales de théologie pratique*, p. 46.

do corpo eclesial, notadamente para os que apresentaram sistemas teológicos distintos ao do centro eclesial, e as evidências demonstram que ainda hoje, a teologia dogmática é posta em questão e não é capaz de assegurar a unidade desse corpo.

Nessa situação o teólogo se torna mais crítico com seu próprio discurso e se interroga necessariamente sobre as condições de sua produção. Consta-se igualmente a ausência de um discurso teológico totalizante apresentado agora partido em discursos parciais. Muitas das questões cruciais de ordem dogmática ou moral são abordadas através de pequenos artigos e ensaios baseados em bibliografias clássicas ou sobre práticas com análises que se distanciam da Teologia³⁶.

A *última especificidade* está no fato de que o fazer teológico atual, encontra-se em um contexto que prima pela “*supressão do dado do religioso*”. Afirmo somente a supressão, porque considero o excesso de oferta religiosa nas linhas que vem sendo realizadas não podem ser consideradas religiões no sentido estrito. Esse movimento vem na esteira de vertentes que se interligam: 1) o aumento do espaço que as ciências humanas e positivas que ganharam ao longo do tempo e a questão da linguagem. 2) A ausência de uma preocupação pela linguagem. Para as ciências humanas, segundo a secularidade que lhes é própria, sem se importar com a linguagem religiosa, ela sempre fala de outra coisa que não o mesmo que anuncia. Isso porque nessa outra coisa não existe nada verdadeiramente religioso, e dizer não se prova como uma realidade suscetível de ser traduzida em um discurso ao mesmo tempo específico, verdadeiro e dotado de pertinência que levaria a contestar a especificidade própria das ciências religiosas no seio das ciências humanas.

Próxima das ciências humanas, e sem a devida relação epistemológica com a Teologia, o fenômeno religioso prático parece não ter outra utilidade que

³⁶ GEFRE, C. *Silence et promesses de la théologie française*, p. 333.

manifesta a sua maneira o dado religioso. Contudo, nesse contexto as ciências humanas podem transformar o fenômeno em falso problema ou em problema impossível, levando a teologia a perder toda sua qualificação³⁷. O desafio da TPr é não deixar que a Teologia vivida institucionalmente e expressada de forma intelectualizada caia na marginalidade de uma sociedade pluralista e secularizada.

Ora, não raramente hoje vemos, sobretudo nas grandes mídias, profissionais de outras áreas “fazendo-se de teólogos” ou “teólogos” propondo-se a resolver questões práticas e existenciais através de uma “teologia” desqualificada mesclada às ciências, principalmente à Psicologia. Esse contexto exprime a tentativa de pensar teologia a partir do não lugar teológico adequado, uma vez que caem no espaço da margem da teologia profissional, que não interessa àqueles que tomam seriamente a evolução do pensamento, a crítica, aproximação e conhecimento das práticas em uma sociedade ou que já não é mais religiosa ou que está impregnada por falsas religiões.

Finalmente o esforço encontra-se em dar credibilidade ao estilo e a maneira cristã de ser, seja através da ordem do discurso seja através da ordem da prática. Passar do dizer ao fazer, da análise dos grandes temas ao conhecimento das práticas é a possibilidade que a teologia tem hoje de intervir no espaço cultural e social não religioso. Atualmente com frequência ouve-se cristãos conscientes das críticas e desconfianças dos desafios e questões que não se contentam, argumentações rasas e que se voltaram o interesse para o terreno das práticas, que não se definem somente por um tipo de ação, senão que podem igualmente definir a TPr³⁸.

Conclusão

Percorremos um longo caminho histórico e teológico, para apresentarmos dentro de um escopo mais amplo, os caminhos de constituição da

³⁷ DORE, J. *Les courants de la théologie française*, p. 246. « Politiquement, culturellement, éthiquement, religieusement et même en son propre sein, il ne régule et n'inspire plus que des minorités. Il y faut le voir et l'admettre: le christianisme n'apparaît plus, même en Occident, donner sens pour le plus grand nombre ».

³⁸ DORE, J. *Les courants de la théologie française*, p. 247.

TPr nos diversos contextos, e como hoje está estruturada. Não se trata de uma pretensão de dizer que os Europeus tendem a classificar conforme sua vontade todas as teologias do mundo. Igualmente não se trata de sentirem-se atacados por descobrir uma nova estrutura de trabalho teológico. Um dos maiores teólogos práticos franceses Henri Bourgeois admite que a TdLib latino-americana contribuiu em demasia para o avanço da TPr francesa³⁹.

A questão que apresento está em outro nível de discussão. Trata-se antes de refletir sobre a abrangência e possibilidades que a TPr oferece em seus mais diversos aspectos e especificidades que podem ser utilizados e como ferramenta e fazer avançar a teologia que trata da prática intra e extra eclesialmente.

Efetivamente como afirma Geffré, não existe uma teologia universal, tão pouco uma teologia particular sem comunicação com outras teologias. Todas as teologias novas partem mais ou menos da herança da teologia ocidental. Segue Geffré: *“A aceitação do pluralismo e da divisão do trabalho teológico dentro da Igreja, reforça nossa responsabilidade comum do reconhecimento mútuo das nossas diferenças no serviço da fé (...) É dentro da escuta múltipla de suas vozes suscitadas pelo Espírito de Deus através de todos os tempos e todos os lugares que a Igreja completa sua vocação propriamente católica”*⁴⁰.

Ray Anderson⁴¹ disse em um momento que a Teologia não deve somente “falar”, mas também tem que “andar”. O neologismo em inglês (*to talk* para *to walk*) expressa bem o caminho da TPr, de buscar uma formulação teológica que expresse mais uma maneira de viver e de praticar o cristianismo. A Boa Nova do Evangelho não pode ser somente uma verdade a ser adquirida, senão que uma experiência a ser vivida. O lugar da encarnação é a história, e é dentro dela que

³⁹ BOURGEOIS, H. *Questions Fondamentales de Théologie Pratique*, p.14.

⁴⁰ GEFRE, C. *La théologie européenne à la fin de l'eurocentrisme*, dans *Revue Lumière & Vie* 201 (1991), p. 97-120.

⁴¹ ANDERSON, R. *The Shape of Practical Theology*. In: *Empowering Ministry with Theological Praxis*, Downers Grove, InterVarsity Press, 2001.

vivem homens e mulheres concretos que demandam a Teologia respostas às suas existências.

Afirma Latini: “A *ortopraxia* é o objetivo da Igreja e a *facilitação da ortopraxia* é o objetivo da TPr⁴²”. Para a TPr atual, o chamado à ortodoxia deve ser acompanhado de transformação da ação em vistas de que conforme o projeto original de Deus da reconciliação do mundo a prática endosse e supere a lógica pura da ortodoxia. São as ações que se transformam em testemunhos que validam o discurso sobre Deus.

Nesse sentido, a ambição da TPr não é ser maior ou menor que a TPas, não é de definir teologias pelo mundo, tão pouco é de teleguiar e julgar as práticas no mundo. A ambição é de partilhar o que é próprio da teologia mesma: uma nova hermenêutica e métodos que possibilitem a profunda compreensão de toda experiência humana que lhe demande respostas e que possa fazer a seus atores sociais sejam eles intra e extra eclesiais, a assumirem de forma consciente, verdadeira e profética suas vidas em geral e, seu processo de compreensão, aproximação e engajamento ao Mistério de Deus⁴³.

Bibliografia

ADLER Gilbert, *La théologie pastorale dans la théologie catholique de l'après-guerre à Vatican II* In : Gilles ROUTHIER et Marcel VIAU (org.), *Précis de Théologie pratique*, Bruxelles, Novalis-Lumen Vitae, 2004, p. 28-53.

ANDERSON Ray, *The Shape of Practical Theology*. In: *Empowering Ministry with Theological Praxis*, Downers Grove, InterVarsity Press, 2001.

AUDINET Jacques, *Diversité des théologies pratiques* In: Jacques AUDINET, *Écrits de Théologie pratique*, Paris, Cerf, p. 239-258.

BERCEVILLE Gilles, *Entre logique et mystique. La théologie universitaire*, In : Jean Yves LACOSTE (dir.), *Histoire de la Théologie*, Paris, Éditions du Seuil, 2009, p. 237-238. BOFF Leonardo, *Eglise en genèse*, Paris, Desclée, 1978.

⁴² LATINI, T. *The Church and the Crisis of Community*, p. 186.

⁴³ Ver BOFF, L. *Eglise en genèse*, Paris, Desclée, 1978.

BOURGEOIS Henri, *Questions fondamentales de théologie pratique*, (Collection Les Fondamentaux), Bruxelles, Novalis-Lumen Vitae, 2010.

CHENU M.D., *Tradition et Sociologie de la foi* In : Mélanges offerts à M.-D. Chenu, maître en Théologie (Collection Église et Tradition) , Paris-Lyon, Le Puy, 1967, p. 225-232.

CORBIN Michel, *Garder la Parole de Dieu, essai sur Luc 11,28* In: A. Jacques e B. Bellet e M.D.Chenu (ed.), *Le déplacement de la Théologie* (Le point Théologique 21) Paris, Beauchesne, 1977, p.109-118.

COMBLIN José, *Vers théologie une de l'action*, Bruxelles, Editions Universitaires, 1968.

DORE Joseph, *Les courants de la théologie française depuis Vatican II*, In : DORE Joseph (dir.), *Interpréter. Mélanges offerts à Claude Geffré*, Paris, Cerf, 1992, p.227-259.

FOUILLOUX Étienne, *Essai sur le devenir du catholicisme en France et en Europe occidentale de Pie XII à Benoît XVI*, In: *Revue Théologique de Louvain* 42 (2011), p. 521-557.

GEFFRE Claude, *Une nouvel âge de la théologie* (Collection Cogitatio fidei 68), Paris, Cerf, 1972.

____ *Silence et promesses de la théologie française* In: Claude GEFFRE, *Le christianisme au risque de l'interprétation*, (Collection Cogitatio fidei 120), Paris, Cerf, 1977, p. 323-346.

____ *La théologie européenne à la fin de l'eurocentrisme* In: *Revue Lumière & Vie* 201 (1991), p. 97-120

KAEMPF Bernard, *Réception et évolution de la Théologie Pratique*, In : Gilles ROUTHIER et Marcel VIAU (org.), *Précis de Théologie pratique*, Bruxelles, Novalis-Lumen Vitae, 2004, p. 9-25.

LACOSTE Jean-Yves, *XVI –XVIII Siècle* In : Jean Yves LACOSTE (dir.), *Histoire de la Theologie*, Paris, Éditions du Seuil, 2009, p. 351-353.

LATINI Theresa, *The Church and the Crisis of Community*, Cambridge, Wm.B. Eerdmans Publishing Co, 2011.

LIEGE Pierre-André, *Le projet de théologie pratique*, In: F. X. ARNOLD, *Serviteurs de la foi*, Tournai, Desclée, 1957, p. 5-28.

MARLE René, *Le projet de Théologie pratique*, (Collection Le Point Théologique 32), Paris, Beauchesne, 1979.

MOLINARIO Joel, *Les concepts d'expérience et de doctrine dans la réflexion sur la transmission de la foi* (Conferência proferida em 18 outubro de 2013 à Louvain-la-Neuve, na Jornada da Escola Doutoral), texto não publicado.

RICOEUR Paul, *Soi-même comme un autre*, Paris, Éditions du Seuil, 1990. Em especial os capítulos V e VI.

TILLICH Paul, *Systematic Theology*, University of Chicago Press, 1967.

VAN DER VEN Johannes, *Practical Theology: an empirical approach*, Leuven, Peeters Press, 1998. VIAU Marcel, *Introduction aux études pastorales*, Montréal, Éditions Paulines, 1987.

VIRGOULAY René, *Philosophie et théologie chez Maurice Blondel* (Collection Philosophie et Théologie), Paris, Cerf, 2002.

Recebido em: 11/02/2018

Aprovado em: 23/06/2018